

O DISCRETO CHARME (HIPÓCRITA) DA BURGUESIA EM “AMAR, VERBO  
INTRANSITIVO”, DE MÁRIO DE ANDRADE

Abigail Ribeiro Gomes \*

Este trabalho se propõe a cotejar a concepção de burguesia apresentada por Karl Marx e Friedrich Engels em *Manifesto do Partido Comunista* com a imagem da burguesia paulistana apresentada por Mário de Andrade em *Amar, verbo intransitivo*.

Para a realização de tal propósito, apresentaremos Mário de Andrade e seu contexto de produção, as relações entre Literatura e Ciências Sociais para, enfim, propormos nossas considerações a respeito da aplicação da teoria marxiana no texto marioandradino.

Assumindo as palavras de Ezra Pound, de que o “poeta é antena da raça”, podemos observar em expressões literárias a presença do autor e do contexto de produção da obra, não somente pelo enquadramento da obra nas tendências estéticas e temáticas do período de produção, mas pela inserção de elementos reais na obra literária – via de regra ficcional. Por isso, iniciamos nossas colocações considerando a relação estabelecida entre um artista e seu contexto de produção. Para melhor compreensão dessa questão, convocamos o livro *A sociedade dos indivíduos*, em que Norbert Elias fez as seguintes considerações:

*Mas, embora esse contexto funcional tenha suas leis próprias, das quais dependem, em última instância, todas as metas dos indivíduos e todas as decisões computadas nas cédulas eleitorais, embora sua estrutura não seja uma criação de indivíduos particulares, ou sequer de muitos indivíduos, tampouco ele é algo que exista fora dos indivíduos. Todas essas funções interdependentes (...) são funções que uma pessoa exerce para outras, um indivíduo para outros indivíduos. Mas cada uma dessas funções está relacionada com terceiros; depende das funções deles tanto quanto estes dependem dela. Em virtude dessa inerradicável interdependência das funções individuais, os atos de muitos indivíduos distintos, especialmente numa sociedade tão complexa quanto a nossa, precisam vincular-se*

*ininterruptamente, formando longas cadeias de atos, para que as ações de cada indivíduo cumpram suas finalidades.* (ELIAS, 1994: 23).

Considerando que o escritor produz para o público leitor e nesta produção divulga suas idéias a respeito de seu contexto e as partilha com o mesmo, podemos perceber que o papel do indivíduo escritor tem relevância dentro do contexto em que vive e que interpreta.

Entretanto, esta interpretação, feita pelo escritor em uma obra literária, atinge esferas que estão distantes de outros modos de transmissão de conhecimento e de representação. De acordo com Alfredo Bosi, o surgimento da linguagem verbal representou um ganho significativo para “recortar, transpor e socializar as percepções e os sentimentos que o homem é capaz de experimentar” (BOSI, 2000: 28). Para ele, a utilização da linguagem poética não pode ser comparada com a transmissão de uma mensagem por meio de “ícones aglomerados”. Ainda utilizando suas palavras, “o modo encadeado de dizer a experiência renunciou, por certo, àquela fixidez, àquela simultaneidade, àquela forma dada - imediatamente do modo figural de concebê-la” (idem: 30).

A transcendência apresentada por Bosi ganha importância a partir do momento em que o escritor, ao produzir e lançar a público sua obra, assume seu papel social incisivamente. Corroborando com as palavras de Elias e Bosi, consideramos as palavras de Antonio Cândido, quando este afirmou que,

*O escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade, (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público* (CANDIDO, 1973: 74).

O diálogo travado entre escritor e público, conforme já tratamos, contém, consciente ou inconscientemente, questões pertinentes ao contexto social em que ambos estão inseridos e do qual fazem parte. Desta forma, as palavras de Fredric Jameson, quando tratou a respeito do Inconsciente Político, são esclarecedoras e podem contribuir para elucidação do assunto. De acordo com o autor, é

*Quando detectamos os traços dessa narrativa ininterrupta, quando trazemos para a superfície do texto a realidade reprimida e oculta dessa história fundamental, que a doutrina de um inconsciente político encontra sua função e sua necessidade.*(JAMESON, 1992: 18).

Indo além das palavras de Jameson, Raymond Williams afirmou que “a arte não reflete a realidade social, a superestrutura não reflete a base, diretamente: a cultura é uma mediação da sociedade” (WILLIAMS, 1979: 102). Assim sendo, o autor, como produtor da obra de arte, exerce o papel de mediador nessa relação, a partir do momento em que seu diálogo com o público se dá num jogo de coleta de dados a serem expostos na obra e de oferta de informações capazes de reafirmar ou de questionar a realidade em que ambos estão inseridos.

Para que este trabalho se desenvolva de acordo com o exposto acima, é preciso fazer uma apresentação de Mário de Andrade, para melhor compreensão do processo de construção da estética do artista. Segundo Telê Ancona Lopez,

*Mário de Andrade foi bem mais que um homem de sete instrumentos. É considerado, hoje, uma espécie de pai da moderna cultura brasileira. Foi poeta, escreveu romance - entre eles Macunaíma -, militou na imprensa como crítico e como cronista. Projetou-se como musicólogo, historiador das artes plásticas e da arquitetura; como correspondente fecundo em contato com os nomes mais significativos do campo cultural de sua época, pesquisador do folclore e professor no Conservatório de São Paulo e na Universidade do Distrito Federal; como fotógrafo, colecionador de arte e dono de uma especialíssima biblioteca. Intelectual voltado para projetos culturais renovadores, dirigiu o Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo e desenvolveu o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Figura de proa no Modernismo dos anos 20 revolucionou a linguagem literária, venceu a estratégia de um programa, tornando-se o artista moderno nas interrogações constantes sobre o sentido de seu tempo e de sua criação.* (LOPEZ, 2000:13)

Mário de Andrade estava inserido num contexto histórico-artístico muito peculiar. Segundo Eric Hobsbawn (1995), o mundo vivia o período pós I Guerra Mundial, quando a crise econômica levou a sociedade liberal a um colapso. No mesmo período, conforme tratou Lincoln de Abreu Penna (1999), houve o momento

de explosão da industrialização brasileira, provocado pela crise do ciclo do café, que atraiu trabalhadores rurais, ex-escravos e imigrantes para as cidades. Desta maneira, as manifestações artísticas passaram a incorporar as questões e a temática deste contexto. No campo artístico, ocorria no mundo uma mudança de referencial que refletia o contexto histórico de modo peculiar. Conforme escreveu Arnold Hauser, a arte no início do século XX,

*é a primeira a renunciar toda ilusão de realidade por princípio e a expressar sua visão geral da vida através da deformação deliberada de objetos naturais. O cubismo, o construtivismo, o futurismo, o expressionismo, o dadaísmo e o surrealismo afastam-se com igual determinação do impressionismo, vinculado à natureza e ratificador da realidade. [...] A intenção é escrever, pintar e compor com base no intelecto, não nas emoções. (HAUSER, 1998: 960-961)*

Como integrante do movimento modernista, Mário de Andrade sentia a necessidade de conhecer o Brasil e seu povo de modo que estivessem indubitavelmente contidos em sua obra. O próprio Mário, referindo-se ao movimento em questão, afirmou o seguinte:

*Manifestado especialmente pela arte, mas manchando também com violência os costumes sociais e políticos, o movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional. A transformação do mundo com o enfraquecimento gradativo dos grandes impérios, com a prática européia de novos ideais políticos, a rapidez dos transportes e mil e uma outras causas internacionais, bem como o desenvolvimento da consciência americana e brasileira, os progressos internos da técnica e da educação, impunham a criação de um espírito novo e exigiam a reverificação e mesmo a remodelação da Inteligência nacional. Isto foi o movimento modernista, de que a Semana de Arte Moderna ficou sendo o brado coletivo principal. (ANDRADE, 1978: 231)*

Feitas estas apresentações iniciais, partiremos para uma visão geral a respeito da obra escolhida para análise – *Amar, verbo intransitivo*. Usando as palavras de Telê Porto Ancona Lopez,

*Amar, verbo intransitivo conta uma lição de amar ou a iniciação amorosa do adolescente Carlos, da burguesia paulistana de novos-ricos, apresentada como burguesia industrial urbana, tipicamente brasileira. A professora de amor – contratada para instrutora de sexo pelo pai do rapaz, Sousa Costa, em combinação que, para ele, excluía a participação de Laura, a esposa – é Fräulein Elza, governanta alemã, também professora de línguas e piano na família. (LOPEZ, 2002: 9).*

Podemos observar na estruturação do romance a presença de personagens que deixam claro como se concretizavam as relações sociais da narrativa. Além das personagens mencionadas na citação acima, há também as irmãs de Carlos - Maria Luísa, Laurita e Aldinha -, o jardineiro Tanaka e a criada Marina. Esses elementos têm importância, pois, por sua presença e papel desempenhado na narrativa, podemos observar a atuação dos elementos burgueses no desenrolar da história. Entretanto, para nossos propósitos neste momento, o foco de atenção ficará mais detido a Sousa Costa, dona Laura, Carlos e Fräulein. Esta escolha se deu porque Sousa Costa e dona Laura são os principais representantes da burguesia na narrativa; Carlos é a personagem que transita da situação de domínio dos pais para a adoção da mesma postura desses; Fräulein representa, nas relações estabelecidas no núcleo da casa, o contraponto proletário para a atuação da burguesia.

Uma questão muito peculiar da obra refere-se ao narrador, cujo papel é de extrema importância para a organização da narrativa. Esse narrador posiciona-se declaradamente no papel de escritor, como se o próprio Mário de Andrade fizesse parte de sua narrativa de modo a intensificar a participação do indivíduo social na construção de uma narrativa ficcional. Desta forma, em sendo indivíduo social, o escritor-narrador transporta para a obra a realidade que se apresenta diante de si, conforme foi postulado pelos autores já mencionados neste trabalho. De maneira mais clara, podemos observar esta colocação na seguinte passagem da obra:

*Um dia, era uma quarta-feira, Fräulein apareceu diante de mim e se contou. O que disse aqui está com poucas vírgulas, vernaculização acomodática e ortografia. Os personagens, é possível que uma disposição particular e momentânea do meu espírito tenha aceitado as somas por eles apresentadas, essa toda a minha falta. Porém, asseguro serem criaturas já feitas e que se moveram sem mim. São os personagens que escolhem os seus autores e não estes que constroem as suas heroínas. Virgulam-nas*

*apenas, pra que os homens possam ter delas conhecimento suficiente.*  
(ANDRADE, 2002: 79)

Desta passagem podemos depreender que, assim como a “heroína” se apresentou diante dos olhos do narrador, as demais personagens que com a heroína se relacionam e formam sua rede de relações de interdependência, foram “impostas” ao escritor-narrador pela realidade que diante dele se apresentava.

Conforme apresentado anteriormente, para a compreensão do papel da burguesia em *Amar, verbo intransitivo*, utilizaremos as colocações de Karl Marx e Friedrich Engels em *Manifesto do Partido Comunista*. Marco Aurélio Nogueira tratou sinteticamente sobre a motivação e produção do *Manifesto*:

*A liga dos Comunistas (Bund der Kommunisten) realizou seu segundo congresso em Londres, de 29 de novembro a 8 de dezembro de 1847. Nele, após demorada discussão, foram aprovados seus estatutos definitivos, fixada sua orientação geral e dois jovens revolucionários alemães receberam a incumbência de redigir o programa político da organização. Quase três meses depois, em fevereiro de 1848, Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) entregavam o Manifesto do Partido Comunista ao Comitê Central da Liga em Londres. Abria-se uma nova fase na história do movimento operário e do socialismo.* (NOGUEIRA, 1988: 9)

No *Manifesto*, Marx e Engels expuseram de maneira concisa a teoria da luta de classes como característica principal da história dos povos e o papel que cada classe desempenha nessa luta. Como as duas principais antagonistas da luta no período de produção do texto, os autores apresentaram a burguesia e o proletariado, caracterizando cada uma das classes de maneira modelar e conceitual – como referencial a ser utilizado e verificado em análises de conjunturas.

Com mencionado anteriormente, nosso foco de atenção é a caracterização da burguesia em ambas as obras. De acordo Engels, em nota constante da edição inglesa de 1888, a burguesia é “a classe dos capitalistas modernos, que são proprietários dos meios de produção social e empregam trabalho assalariado” (in: MARX & ENGELS, 1988: 66). A família Sousa Costa pode ser enquadrada na definição acima, observando-se a seguinte descrição:

*Sousa Costa usava bigodes onde a brilhantina indiscreta suava negroses nítidos. Aliás todo ele era um cuité de brilhantinas simbólicas, uma graxa, mônada sensitiva e cuidadoso de sua pessoa. Não esquecia nunca o cheiro no lenço. Vinha de portugueses. Perfeitamente. E de Camões herdara ser femeeiro irredutível. Em tempos de calorão surgiam nos cabelos negros de dona Laura umas ondulações suspeitas. Usava penteadores e vestidos de seda muito largos. Apenas um gesto e aqueles panos e rendas e vidrilhos despencavam pra uma banda afligindo a gente. Meia malacabada. Era maior que o marido, era. Lhe permitira aumentar as fábricas de tecidos no Brás e se dedicar por desfastio à criação do gado caracu. (ANDRADE, 2002: 55).*

Destacamos a questão explicitamente capitalista da citação acima. O elemento definidor do casal Sousa Costa como membros da burguesia está relacionado com a parceria de ambos com o objetivo de ampliar sua participação na indústria e manter seu vínculo com atividades rurais. Assim, os meios de produção característicos do Brasil à época – atividade rural e indústria – são de posse do casal. Essa dupla característica – de rural e urbano - foi muito comum na burguesia brasileira da época.<sup>1</sup>

Feito o enquadramento das personagens na definição de burguesia proposta por Marx e Engels, vejamos que outros aspectos da teoria marxiana podem ser observados na narrativa marioandradina.

Os autores do *Manifesto* apresentaram uma colocação abrangente a respeito de como a burguesia conduz suas relações sociais. Nas palavras de Marx e Engels,

*Onde quer que tenha chegado ao poder, a burguesia destruiu todas as relações feudais, patriarcais, idílicas. Dilacerou impiedosamente os variegados laços feudais que ligavam o ser humano a seus superiores naturais, e não deixou subsistir entre homem e homem outro vínculo que não o interesse nu e cru, o insensível 'pagamento em dinheiro'. Afogou nas águas gélidas do cálculo egoísta os sagrados frêmitos da exaltação religiosa, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca e no lugar das inúmeras liberdades já reconhecidas e duramente conquistadas colocou unicamente a liberdade de comércio sem escrúpulos. Numa palavra, no lugar da*

---

<sup>1</sup> Para melhor observar a caracterização específica da burguesia brasileira, ver CARONE, Edgar. *A República Velha: instituições e classes sociais*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

*exploração mascarada por ilusões políticas e religiosas colocou a exploração aberta, despidorada, direta e árida. (MARX & ENGELS, 1988: 69).*

Para observarmos algumas das colocações marxianas, tomemos um trecho de *Amar*:

*Viu o filho chorando e teve amor, consolou. Felizmente ele estava ali pra acabar com aquilo. Porém que tivesse cuidado pra outra: não tem tantas mulheres sem perigo por aí, não o obrigasse mais a gastar dinheiro com essas coisas. Carlos tira a cara das mãos, quer ver se o dinheiro é verdade.*

*– Ela não recebeu dinheiro!*

*– Ah?! então você pensa que ela partia assim, sem nada, não é!...*  
(ANDRADE, 2002: 135)

Podemos observar no excerto acima que a postura do burguês Sousa Costa diante do que lhe parecia um problema – o envolvimento amoroso de seu filho com a governanta – foi a de utilizar o capital como solução e abolição da presença da mulher no convívio com seu filho. Desta forma, a relação pessoal transformou-se, conforme postularam Marx e Engels, numa relação monetária, em que a dignidade humana foi trocada por dinheiro sem vacilos.

Outra questão constante das palavras de Marx e Engels colocadas acima foi a religiosidade. Esta tornou-se, para a burguesia, elemento de prestígio para ascendência entre os pares, ou seja, meio de obter vantagem, inclusive financeira. Podemos observar esse tipo de postura na seguinte passagem de *Amar*:

*Quando Carlos nasceu batizaram-no, pois não. As meninas iam nas missas de domingo, se era manhã de sol, o passeio até fazia bem... Com nove anos mais ou menos recebiam a primeira comunhão. Dona Laura mandava lhes ensinar o catecismo por uma parenta pobre, muito religiosa, coitada! catequista em Santa Cecília. Dona Laura usava uma cruz de brilhantes que o marido dera pra ela no primeiro aniversário de casamento. Era uma família católica. Nas festas principais da casa vinha Monsenhor. (idem: 55)*

A presença da diferença social e da ostentação na passagem acima deixa claro que a caracterização de Marx e Engels pode ser aplicada ao caso de *Amar*. A instrução religiosa feita por uma parenta menos abastada e a utilização do crucifixo

de brilhantes por parte da mãe da família denota que a valorização despreziosa da religiosidade foi substituída pela utilização da religião como elemento distintivo de classe social e atribuidor de prestígio.

A questão da polidez também mencionada pelos autores do *Manifesto* pode ser observada em passagem do texto de Mário de Andrade.

*Fräulein se sentiu logo perfeitamente bem dentro daquela família imóvel mas feliz. Apenas a saúde de Maria Luísa perturbava um tanto o cansaço de dona Laura e a calma prudencial de Sousa Costa. Servia de assunto possível nos dias em que, depois da janta, Sousa Costa queimava o charuto no hol, como que tradicionalmente revivendo a cerimônia tupi. Depois se escovava, pigarreando circunspecto. Vinha dar o beijo na mulher. (idem: 59).*

Observemos que a polidez existente na família, principalmente por parte do patriarca, caracteriza-se pela superficialidade, ironizada por Mário de Andrade na passagem acima. A atitude polida com relação à esposa, especificamente, feita de maneira a manter aparências, denota a perda de importância da relação pessoal afetuosa e a substituição da relação pautada na obtenção de vantagens sociais – de classe. Isso fica claro também na citação feita quando da caracterização da burguesia na obra de Mário de Andrade.

Ainda a respeito da relação familiar, até mais especificamente, tomemos por base as palavras de Marx e Engels:

*A fraseologia burguesa sobre a família e a educação, sobre os afetuosos vínculos entre criança e pais, torna-se tanto mais repugnante quanto mais a grande indústria rompe todos os laços familiares dos proletários e transforma suas crianças em simples artigos de comércio e em simples instrumentos de trabalho. (MARX & ENGELS, 1988: 84).*

As observações marxianas podem ser encontradas em diversas passagens de *Amar*, inclusive em algumas já citadas. Porém, há duas que deixam claro esse posicionamento. A primeira é a seguinte:

*– Minhas filhas já falam o alemão muito direitinho. Ontem entrei na Lirial com Maria Luísa... pois imagine que ela falou em alemão com a caixeirinha! Achei uma graça nela!... Fräulein é muito instruída, lê tanto! Gosta muito de*

*Wagner, você foi no Tristão e Isolda? que coisa linda. Gostei muito. Também: quatrocentos mil réis por mês! E continuava falando que Felisberto não se importava de gastar, contanto que os meninos aprendessem, etc. (ANDRADE, 2002: 61)*

A exibição feita pela menina Maria Luísa do que havia aprendido em suas aulas de alemão e a menção ao gasto proveniente dessas aulas são fatos que demonstram o quanto a educação dos filhos é utilizada como moeda de troca – de prestígio, que pode se revertido em capital com facilidade – no estabelecimento de relações sociais intra-classe e até mesmo para obtenção de ascendência a classes economicamente inferiores.

A outra passagem, ainda mais clara com relação à utilização da família como moeda de troca é a seguinte:

*Sousa Costa queria muito bem ao filho é indiscutível, porém isso de amores escandalosos dentro da própria casa dele lhe repugnava bastante. Não é que repugnasse propriamente... fazia irritação. Está certo: irritava Sousa Costa. O filho era dele, lhe pertencia. Que se entregasse a uma outra e ele sabendo, teve ciúmes, confesso. Se sente como que comeado! Tal era a sensação inexplicável de Sousa Costa pai. (idem: 132)*

A menção da posse do filho pelo pai e a aversão ao que o pai considerava “amores escandalosos” evidencia a questão da família como moeda de troca. A aprovação de uma relação amorosa do filho – aceita somente se for com alguém da mesma classe social – também estava condicionada à permissão do pai, seu dono. A posse do filho, como se este fosse um de seus bens, demonstra o quanto a postura burguesa está impregnada da sensação de posse, proveniente do capital<sup>2</sup>.

De maneira mais direta, Marx e Engels trataram da questão da mulher nas relações burguesas.

*O burguês vê na própria esposa um simples instrumento de produção. Ouve dizer que os instrumentos de produção devem ser explorados em comum e*

---

<sup>2</sup> Posteriormente, Robert Kurz denominou o capitalismo como sociedade produtora de mercadorias. Nesta análise, mercadoria é tudo aquilo produzido para o mercado, incluindo aí os seres humanos. Homens serão considerados úteis quando são capazes de servir ao mercado. Obviamente, desta concepção podemos abstrair a idéia de “fetichização da mercadoria”. Ver: KURZ, Robert. *O colapso da modernização*. 5. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

*só pode naturalmente pensar que o mesmo uso em comum atingirá também as mulheres. (...) Nossos burgueses, não satisfeitos em ter à sua disposição as mulheres e as filhas de seus proletários, pra não falar da prostituição oficial, têm o maior prazer em seduzir mutuamente suas recíprocas esposas. O casamento burguês é, na realidade, a comunidade das mulheres casadas. Portanto, no máximo seria possível censurar os comunistas por desejarem substituir uma comunidade das mulheres hipocritamente dissimulada por outra comunidade franca e oficial. De resto, é evidente que com a abolição das atuais relações de produção desaparecerá também a comunidade das mulheres que deriva dessas relações, ou seja, a prostituição oficial e não-oficial. (MARX & ENGELS, 1988: 84).*

No texto de Mário de Andrade, podemos observar como o burguês representado por Sousa Costa mantinha sua relação com a esposa. Vejamos a seguinte passagem:

*Nas noites espaçadas em que Sousa Costa se aproximava da mulher, ele tomava sempre o cuidado de não mostrar jeitos e sabenças adquiridos lá em baixo no vale. No vale do Anhangabaú? É. Dona Laura comprazia com prazer o marido. Com prazer? Cansada. Entre ambos se firmara tacitamente e bem cedo uma convenção honesta: nunca jamais ele trouxera do vale um fio louro no paletó nem aromas que já não fossem pessoais. Ou então aromas cívicos. Dona Laura por sua vez fingia ignorar as navegações de Pedro Álvares Cabral. Convenção honesta se quiserem... Não seria talvez a precisão interior de sossego?... Parece que sim. Afirmo que não. Ah! Ninguém o saberá jamais!...*

*E quem diria que Sousa Costa não era bom marido? era sim. Fora tão nu de preconceitos até casar sem por reparo nas ondas suspeitas dos cabelos da noiva. E bem me lembro que ficaram noivos em tempo de calorão... Dona Laura retribuía a confiança do marido, esquecendo por sua vez que bigodes abastosos e brilhantizados são suspeitos também. Sentia agora eles trepadeirando pelo braço gelatinoso dela e, meia dormindo, se ajeitando:*

*– Vendeu o touro?*

*– Resolvi não vender. É muito bom reprodutor.*

*Dormiam. (ANDRADE, 2002: 55)*

Na citação acima, podemos observar a presença de alguns elementos mencionados no texto do *Manifesto*. O primeiro deles é a interferência da prostituição na relação estabelecida entre o casal burguês, isto é, a tolerância por parte da mulher à relação extraconjugal do marido e a própria entrega da esposa sem que houvesse real interesse. Da mesma forma, podemos observar a desvalorização da mulher por parte de Sousa Costa, que não se preocupava em esconder completamente da mulher suas relações fora do casamento – ela só se manifestaria se houvesse uma prova contundente dessas relações.

Outro aspecto presente na passagem acima relacionado às palavras de Marx e Engels é o diálogo explicitamente capitalista entre marido e mulher. No momento em que o marido se aproximava da mulher, provavelmente buscando o ato sexual, ela propôs o assunto comercial, demonstrando o quanto a relação estava impregnada com a questão capitalista.

Vemos, desta forma, que a família tem um papel importante na caracterização da burguesia e nas relações sociais por esta estabelecidas, como transmissora da ideologia burguesa. Nas palavras de Marx e Engels, “A família plenamente desenvolvida existe apenas para a burguesia” (idem: 83). Podemos observar essa colocação na seguinte passagem de Amar:

*Quanto à tona da vida, já se conhece bem a fotografia: a mãe está sentada com a família menorzinha no colo. O pai de pé descansa protetoramente no ombro dela a mão honrada. Em torno se arranjam os barrigudinhos. A disposição pode variar, mas o conceito continua o mesmo. (ANDRADE, 2002: 53).*

Observamos nas colocações de Marx e Engels, assim como na descrição de Mário de Andrade, que o papel da família para a burguesia tem função ilustrativa, de aparência, como um elemento capaz de ratificar a credibilidade necessária para o estabelecimento de relações capitalistas.

Essa concepção da burguesia se transmite e multiplica justamente através da família. Podemos observar, em *Amar*, passagens referentes a Carlos que deixam clara esta questão. O rapaz, inicialmente envolvido por uma emoção verdadeira em sua relação com a governanta Fräulein, viveu, diante da necessidade de rompimento, uma mudança significativa de postura, o que demonstra como a

cosmovisão burguesa o impregnou. Inicialmente, apresentamos a seguinte passagem:

*E ele sentiu sem se confessar a si mesmo, que chegara o momento de principiar esquecendo. Meteu-se na manhã, procurou companheiro de esporte foram treinar futebol. Na avenida Higienópolis o telefonema avisou que ele almoçava com o Roberto. Mais um companheiro se juntara a eles. Passaram a tarde no cinema. Carlos fumou, pagou o chope, sorriu. Quase riu. De sopetão, falou alto. Os amigos namoravam. Carlos por dentro se riu dos platônicos tolos! grelar assim e mais nada!... tolos. Carlos não namorará. (idem: 145)*

Na passagem acima, vemos o momento em que Carlos, diante da imperiosa necessidade de se acostumar com a nova realidade, sem Fräulein, tomou a decisão de esquecê-la. Para tanto, iniciou uma série de atitudes caracteristicamente relacionadas à posse de capital: treinar futebol – e não jogar na rua, característico das classes inferiores – almoçar fora de casa, passar a tarde no cinema, fumar, pagar o chope e, principalmente, evitar relações em que o sentimento pese mais que a questão monetária – ele não namorará. Esse início de mudança de comportamento – uma adequação aos padrões da burguesia – teve sua conclusão em uma das últimas passagens do livro de Mário de Andrade. Ei-la:

*Ela arranjava de novo a... alguém lhe chamou os olhos, conhecido, Carlos? era Carlos com as irmãs na fiat. Instintivamente ela atirou uma serpentina. A fita rebentou.*

*Deu um gritinho horrorizada, acertara na testa dele, podia tê-lo ferido... Carlos olhou. Mandou-lhe um gesto rápido de cabeça, quase saudação. E continuou brincando com a holandesa. Fräulein se doeu, tomou com o baque seco nas entranhas. O deus soltou um gemido que nem urro. Esses deuses do norte são muito cheios de exageros. Carlos não fez por mal! foi mostrar que reconhecia e machucou. Fräulein virando o rosto pra trás, seguiu-o com os olhos, quase amorosa mas já porém reposta no domínio de si mesma. Estava muito direito assim! E se venceu completamente com o raciocínio, numa espécie de felicidade. Estava muito certo assim. Ele amaria muito aquela moça. Era bonita. Rica, se via. Carlos casaria bem, na mesma classe. (...) O mundo é tal como é. A gente deve aceitar sem revolta. Carlos casará rico. Perfeitamente. (idem: 147)*

Na passagem acima, podemos perceber a concretização da mudança de Carlos, tomando consciência do papel de burguês, herança de seus pais. Como se a alteração de comportamento por parte da personagem representasse o recomeço da história, uma perpetuação da classe burguesa; como se Carlos fosse repetir os feitos de seu pai.

Nessa mesma passagem podemos ver como se processa a relação da burguesia com a classe antagônica – o proletariado. Embora o proletariado não seja o tema deste trabalho, cremos que algumas considerações de como se dá seu posicionamento com relação à burguesia são importantes para melhor compreensão da classe de nosso interesse aqui.

A personagem Fräulein é a principal representante da classe proletária na obra de Mário de Andrade. Algumas das passagens relativas a ela evidenciam a diferença de postura e, principalmente, a valorização de outros aspectos que não sejam os monetários. A citação acima é uma dessas passagens, isto é, quando podemos ver que a relação de Fräulein com Carlos, para ela, não se limitou à relação monetária e que, apesar do tempo corrido, o sentimento permanecia vivo dentro dela – diferente do que ocorreu com Carlos.

Marx e Engels referiram-se a essa questão na seguinte passagem do *Manifesto*: “homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestres e companheiros, numa palavra, opressores e oprimidos, sempre estiveram em constante oposição uns aos outros, envolvidos numa luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta” (MARX & ENGELS, 1988: 66).

Outra passagem de *Amar* que deixa evidente como a burguesia conduz suas relações sociais, de maneira opressora e depreciativa, é a que trata da descoberta de dona Laura do real motivo da presença de Fräulein na casa, na explicação dada por Sousa Costa. Ei-la:

*– Queira desculpar, Fräulein. Vivo tão atribulado com os meus negócios! Demais: isso é uma coisa de tão pouca importância!... Laura, Fräulein tem o meu consentimento. Você sabe: hoje esses mocinhos... é tão perigoso! Podem cair nas mãos de alguma exploradora! A cidade... é uma invasão de aventureiras agora! Como nunca teve!. COMO NUNCA TEVE, Laura... Depois isso de principiar... é tão perigoso! Você compreende: uma pessoa especial evita muitas coisas. E viciadas! Não é só bebida não! Hoje não tem mulher-*

*da-vida que não seja eterômana, usam morfina... E os moços imitam! Depois as doenças!... Você vive na sua casa, não sabe... é um horror! Em pouco tempo Carlos estava sífilítico e outras coisas horríveis, um perdido! É o que te digo, Laura, um perdido! Você compreende... meu dever é salvar o nosso filho... Por isso! Fräulein prepara o rapaz. E evitamos quem sabe? até um desastre!... UM DESASTRE!*

*Repetia o 'desastre' satisfeito por ter chegado ao fim da explicação (...) Só uma coisa julgara perceber naquele ingranzéu, e, engraçado! Justamente o que Sousa Costa pensava, mas não tivera a intenção de falar: pagavam só pra que ela se sujeitasse às primeiras fomes amorosas do rapaz. (ANDRADE, 2002: 77).*

A passagem – longa, sabemos – denota como Sousa Costa via o papel de Fräulein naquela questão, em princípio familiar. A explicação vaga, repleta de reticências, é usada como recurso de confusão do ouvinte – no caso dona Laura e a própria Fräulein – como persuasivo para justificar com razões morais a subordinação de Fräulein. A evidência do papel da governanta na iniciação sexual de Carlos, dissolvida na fala de Sousa Costa e esclarecida na intervenção do narrador, consolida-se como um modelo dentro do qual a burguesia se impõe diante das demais classes, neste caso do proletariado. Encerrando o parágrafo com as palavras de Marx e Engels, “Tudo o que é sólido e estável se volatiliza, tudo o que é sagrado é profano, e os homens são finalmente obrigados a encarar com sobriedade e sem ilusões sua posição na vida, suas relações recíprocas” (MARX & ENGELS, 1988: 69).

Como último ponto a ser considerado neste trabalho, trazemos a questão da relação que a burguesia estabelece com o tempo, isto é, com as formas de legitimação e de consolidação de sua ascendência social diante das demais classes sociais. Para Marx e Engels, “na sociedade burguesa o passado domina o presente (...) Na sociedade burguesa o capital é independente e pessoal, enquanto o indivíduo ativo é dependente e impessoal.” (idem, p. 81). Para a família Sousa Costa, de Mário de Andrade, o interesse se expressou da seguinte maneira:

*Mas que bem importa isso à família Sousa Costa? Não importa nada, nem dona Laura tem que ver com os futuros da pátria, francamente. Só o presente é realidade. Qual será o futuro? Paradigma de conjugação seguirá? Ou irregular? Ou não tem futuro, e família e pátria são defectivas?... Ninguém o saberá jamais... (ANDRADE, 2002: 100).*

A teorização social de Marx e Engels e a exemplificação de Mário de Andrade resumem as colocações anteriores ao evidenciarem que o referencial da burguesia não se estabelece em relações pessoais ou projeções, ou seja, o burguês não se preocupa com o que se sente ou como serão as coisas adiante; para ele o presente não antecipa o futuro, mas reflete o passado e, por isso, não há razão para se preocupar em cultivar as relações pessoais e sociais e perspectivas de futuro. O capital, independente e pessoal, e o que ele pode oferecer no momento: eis o que interessa à burguesia.

Após todas as colocações feitas neste trabalho, podemos observar que as colocações feitas por Marx e Engels no *Manifesto*, apesar de amplas e conceituais – talvez exatamente por isso – são aplicáveis para analisar a realidade dos anos 20 em plena São Paulo. E, sendo Mário de Andrade um leitor constante do que se publicava na Europa – lembremos que Mário falava inglês e alemão, além de considerar que a melhor viagem é feita através dos livros – provavelmente as idéias do *Manifesto* chegaram até ele e o influenciaram em sua produção. Desta forma, podemos cogitar que o *Manifesto* tenha exercido um papel elucidativo para que o artista pudesse ler seu contexto e servir de mediador entre a realidade e a obra de arte por ele produzida.

Este trabalho não se pretende fechado; ao contrário, ele é UM primeiro momento de considerações acerca de relações sociais e de classe presentes na obra de Mário de Andrade que, futuramente, será revisitado e expandido.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1978.

\_\_\_\_\_, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

HAUSER, Arnold. *História Social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAMESON, Fredric. *O Inconsciente Político: A narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.

LOPEZ, Telê Ancona. *Notícias de Mário de Andrade*. IN: FOTOBIOGRAFIAS. Rio de Janeiro: Edições Alumbramento / Livroarte Editora, 2000.

\_\_\_\_\_, Telê Ancona. Uma difícil conjugação. IN: ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis: Vozes, 1988.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. *Um manifesto que fez história*. IN: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis: Vozes, 1988.

PENNA, Lincoln de Abreu. *República Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

RESUMO: O propósito é refletir sobre considerações feitas por Karl Marx e Friedrich Engels no *Manifesto do Partido Comunista* acerca da imagem da burguesia. Para tanto, são utilizadas as caracterizações e ações desenvolvidas pelas personagens do romance *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade. Pode-se observar que a caracterização universalista da burguesia feita por Marx e Engels consubstancia-se como parâmetro importante para a compreensão da burguesia na obra marioandradina e, conseqüentemente, para uma melhor compreensão do papel da referida classe social no contexto de produção do romance.

PALAVRAS-CHAVES: Amar, verbo intransitivo; Manifesto do Partido Comunista; Burguesia.

\* Abigail Ribeiro Gomes. Mestranda de Ciências Sociais – CPDA / UFRuralRJ.  
[abigailrib@gmail.com](mailto:abigailrib@gmail.com)